



O FUTURO BATE À PORTA

A sombra da guerra atormenta o Irã

Enquanto negociações entre a teocracia xiita e o governo dos Estados Unidos para um possível acordo nuclear são realizadas, Donald Trump renova ameaças e despacha imensa força militar para a região. População iraniana vive à espera de um ataque

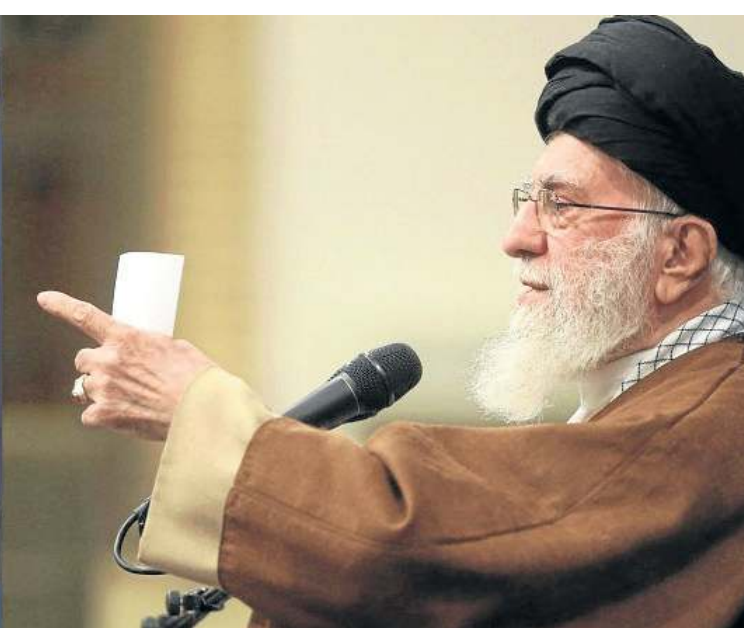
"Durmo mal à noite mesmo com medicamentos", diz o aposentado Hamid. Ele não é o único; muitos moradores de Teerã têm dificuldade para conciliar o sono desde que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, começou a ventilar publicamente a possibilidade de um ataque contra o Irã, como já realizou em junho de 2025.

Na noite de 12 para 13 de junho do ano passado, um ataque de Israel, posteriormente respaldado por Washington, surpreendeu os iranianos quando o país se preparava para novas negociações sobre o programa nuclear com os Estados Unidos.

Oito meses depois, as conversas foram retomadas, mas os iranianos observam com preocupação o grande deslocamento militar americano no Oriente Médio. O presidente americano declarou na quinta-feira (19/2) que acreditava poder, em um período de "10 a 15 dias", decidir se é possível alcançar um acordo ou se, ao contrário, recorrerá à força.

Na sexta-feira, como para acentuar a pressão sobre o governo iraniano, Trump afirmou que considerava a possibilidade de um ataque "limitado" contra o país.

Ontem, em discurso transmitido ao vivo pela TV estatal, o presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, retrucou, sustentando que o país "não cederá diante



Imagens combinadas de Donald Trump e do aiatolá Khamenei: Líderes dos EUA e do Irã estão entre chegar a um acordo e uma guerra

de nenhuma provação, mesmo que as potências mundiais se levantem contra nós com injustiça e tentem nos submeter".

"Inevitável"

"Acho que uma guerra entre Irã, Estados Unidos e Israel é inevitável", declarou à agência de notícias AFP Mina Ahmadvand, que trabalha com tecnologia da informação na capital, Teerã. Muitos iranianos compartilham essa opinião. Desde o frágil cessar-fogo de junho, concluído

O Irã não cederá diante de nenhuma provação, mesmo que as potências mundiais se levantem contra nós com injustiça e tentem nos submeter"

Masoud Pezeshkian, presidente do Irã

após 12 dias de conflito bélico, vivem em uma incerteza permanente e seguem traumatizados. "Já não durmo à noite. Tenho

pesadelos em que me perseguem, nos quais eu morro. Vou dormir tarde, acordo tarde e estou deprimida", descreve Hanieh, que não

A possibilidade de uma guerra surge em cada conversa, com sua carga de rumores e especulações de todo tipo.

"Montanha-russa"

"É uma montanha-russa: de repente guerra, de repente um acordo. Tudo muda de uma hora para outra", descreve um morador de Teerã, que prefere manter o anonimato. Esse contexto explosivo é um fator adicional de ansiedade no Irã, já abalado após a morte de milhares de pessoas em janeiro durante manifestações antigovernamentais e o bloqueio da internet imposto pelas autoridades por quase três semanas.

"Minha vida está como que suspensa" desde as manifestações, resume Hanieh. "Agora, com esta situação, estamos esperando para ver o que vai acontecer", acrescenta essa ceramista de 31 anos, que acredita que "a guerra vai estourar dentro de 10 dias".

Ontem, nada ou quase nada deixava transparecer a preocupação em Teerã, uma metrópole movimentada de 10 milhões de habitantes. Mas, por trás da aparente rotina, os moradores tomam precauções. "Comprei uma dezena de enlatados, especialmente atum e feijão, além de biscoitos, água engarrafada e pilhas de reposição", enumera Mina Ahmadvand, ao falar da preparação para "o pior".

Vídeos mostram tensão em protesto

Estudantes entoaram slogans contra o governo do Irã durante manifestações em memória das vítimas da repressão à última onda de protestos, segundo relatos da mídia local e da diáspora iraniana divulgados ontem. Durante o ato de ontem, grupos de oposição à liderança religiosa entraram em confronto com coletivos pró-governo.

Vídeos geolocalizados pela agência de notícias AFP em uma

importante universidade de engenharia em Teerã mostram confrontos entre a multidão, com pessoas gritando "bi shara!" — "vergonha", em farsi, termo comumente usado por manifestantes contra a teocracia — e outras agitando bandeiras do país, em apoio ao regime.

Imagens transmitidas pela rede de televisão em língua persa Iran International, sediada fora do país, mostraram uma

multidão entoando slogans contra o governo na Universidade de Tecnologia Sharif.

Os iranianos retomaram suas manifestações esta semana para marcar, de acordo com a tradição de luto xiita, o 40º dia desde a morte de milhares de pessoas durante a última onda de protestos, que atingiu seu ápice nos dias 8 e 9 de janeiro. Manifestantes se reuniram

novamente em diversas universidades da capital nesse sábado, segundo relatos da mídia local.

Os distúrbios começaram em dezembro, em meio a uma prolongada crise financeira, mas se transformaram em uma onda massiva de protestos contra o regime, que foram violentamente reprimidos pelas forças de segurança, deixando milhares de mortos, segundo grupos de direitos humanos.

UGC ANONYMOUS/AFP



Vídeo divulgado por emissora iraniana mostra manifestantes

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A VIDA ESPETACULAR DOS KENNEDY

"Eu sou meu próprio espetáculo" é uma tradução livre de frase do filósofo Sêneca para dizer que vive melhor quem não precisa da aprovação dos outros para suas atitudes. A mais famosa família aristocrática e católica dos Estados Unidos, cuja vida é de glória, glamour, tragédia, sofrimento e influência, e que espalhou pelo mundo um número sem-fim de Kennedy e Jacqueline como nome de batismo, está mais uma vez no poder. Robert Francis Kennedy Jr., o RFK Jr., é o atual secretário de Saúde dos EUA.

Foi derrotado como candidato independente para a Presidência da República nas eleições passadas. É sobrinho de John F. Kennedy, assassinado em 1963, quando era presidente da República. Também é filho do senador por Nova York, Robert F. Kennedy,

procurador-geral no governo do irmão, assassinado em 1968, quando fazia campanha para ser indicado candidato a presidente. A irmã mais velha dos dois nasceu com uma deficiência mental e foi submetida à lobotomia, que a pôs internada a vida toda. O irmão mais velho morreu em operação como piloto de guerra. A segunda filha, dos nove filhos de Joseph P. Kennedy, avô de RFK Jr., morreu como passageira de um avião que se chocou contra os Alpes franceses. Perdeu primos, tias e parentes em acidentes de carro, avião, esqui, suicídio, overdose e doenças, precocemente. O assassinato do tio e do pai são duas tragédias relacionadas à violência e à irracionalidade política, entre tantas outras, que marcam a vida da família.

Nada disso justifica — como se

nas passagens do *Velho Testamento* Deus tivesse incluído os Kennedy nas brancas que deu em Moisés e Abraão — chamar de "maldição Kennedy" a sequência de fatos trágicos que envolve a vida da dinastia mais charmosa dos EUA, e que, há mais de 80 anos, influencia e emociona a vida do país. Num época sem seriedade como a atual, a história dos Kennedy serve de alerta para os políticos que não tratam o poder de forma transitória, nem compreendem os limites humanos da prosperidade material e da popularidade. É, também, um sinal de alienação do Estado, que não gosta de falar de suas faltas e erros e culpa o cidadão e a sociedade por suas insanidades. Autoridades que falam de justiça, mas a justiça não vive nelas. Governantes que falam de

suas dádivas, dadas por interesse não por bondade. Legisladores que fazem leis, mas não as cumprem.

A dor e o sofrimento que acompanham todos os excessos permitem concordar com o pensamento clássico da Antiguidade greco-romana, período muito mais culto do que o atual: é o acaso que governa a vida, não a sabedoria. Ninguém herda a iniquidade de ninguém, pois o que impede a autoconsciência e a autonomia do indivíduo é a intemperança de querer mais e nunca se contentar com o bastante.

Voltando a RFK Jr., o secretário de Saúde, espontaneamente controverso, contra a ciência e dono do próprio nariz. Durante a campanha eleitoral passada, ele falou de uma anormalidade médica que atingiu sua memória provocando confusão mental. E que foi

"causada por um verme que se espalhou pelo meu cérebro, comeu uma porção dele e morreu". Culpa a África, América do Sul e Ásia — onde parasitas são muito comuns, disse —, para onde viajou várias vezes a trabalho sobre meio ambiente, sendo infectado numa viagem dessas.

Semana passada, voltou a chamar a atenção, ao formular uma tese inédita sobre o caráter antisséptico da privada suja. Disse que não tem medo de vermes porque, embora "limpo" há mais de 40 anos, usava drogas no passado em assentos do vaso sanitário de qualquer banheiro onde estivesse. Por isso, é imune a doenças. Organizações e grupos de saúde que queriam sua cabeça antes da posse, por ele ser contra o uso de vacina, agora querem sua demissão por ter sido viciado. E aumentou a dor de cabeça dos seus críticos: falou mal do paracetamol e defendeu uma dieta restritiva para, com seu cardápio, mudar as diretrizes nutricionais dos norte-americanos.

A Organização Mundial de Saúde confirma as estimativas de que mais de 1 bilhão de pessoas podem estar infectadas com parasitas que invadem o corpo humano e podem gerar doenças novas ou conhecidas. E é cientificamente confirmado que vacina é necessária e comida com corante e processada não é bom. A nova dieta "Coma Comida de Verdade" (Eat Real Food) libera a gordura saturada. Encrenca certa. A política dos alimentos reais vai enfrentar duas guerras: a da obesidade e da indústria de alimentos.

Com tal carrossel de controvérsias, certo que a saúde dos EUA está mesmo nas mãos de um político polêmico. Tão certo quanto Robert Kennedy Jr. muito sofreu na vida, razão tem a rainha Luísa, da Prússia: Quem nunca comeu seu pão com lágrimas?

PAULO DELGADO, sociólogo